

AMBIGUIDADES E FRAGILIDADES NAS RELAÇÕES AMOROSAS NA PÓS-MODERNIDADE

Érico Douglas Vieira. Psicólogo, Psicodramatista, Mestre em Psicologia, Doutorando em Psicologia. Professor Assistente do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Goiás – Campus Jataí. E-mail: ericopsi@yahoo.com.br

Márcia Stengel. Psicóloga; Doutora em Ciências Sociais (UERJ); Professora do Programa de Pós-graduação de Psicologia (PUC Minas).

RESUMO Este trabalho busca compreender os ideais e as práticas amorosas na Pós-Modernidade. Trata-se de um período marcado por uma forte ênfase em questões como a liberdade individual, a busca de sensações prazerosas e a fruição do momento presente. O amor líquido é um roteiro amoroso criado na Pós-Modernidade, transpondo a lógica das relações de consumo para o relacionamento amoroso, que se não estiver sendo fonte de prazer, é percebido como uma prisão. Ao mesmo tempo ainda há a permanência de alguns ideais românticos, colocando o vínculo amoroso como especial e a possibilidade de grande intimidade com o outro. Interessa compreender como se dá a convivência simultânea de mapas amorosos contraditórios na Pós-Modernidade. Os sujeitos buscam a segurança presente em um vínculo amoroso, mas ao mesmo tempo se ressentem da perda da liberdade e da responsabilidade do compromisso. O contrato entre o casal pode ser quebrado a qualquer momento e precisa ser constantemente negociado. O amor é mais importante do que nunca, mas cada vez mais difícil de realizar-se.

Palavras-chave: Relações amorosas; Pós-Modernidade; Amor romântico; Amor líquido.

AMBIGUITIES AND FRAGILITIES LOVING RELATIONSHIPS IN THE POST-MODERNITY

ABSTRACT This paper seeks to understand the ideals and practices amorous in Postmodernity. It is a period marked by a strong emphasis on issues such as individual liberty, the pursuit of pleasurable sensations and enjoyment of the present moment. Love liquid is a script created in Postmodernity, transposing the logic of consumer relations for the relationship, which is not a source of pleasure, is perceived as a prison. At the same time there is the permanence of some romantic ideals, placing special loving bond as the possibility of

great intimacy with another. We are interested to understand how the simultaneous coexistence of contradictory maps loving in Postmodernity. Individuals seeking safety present in a loving bond, but at the same time resent the loss of freedom and responsibility commitment. The contract between the couple can be broken at any time and must be constantly negotiated. Love is more important than ever, but increasingly difficult to carry out.

Key-words: Relationships. Post-Modernity. Romantic Love. Liquid love.

Introdução

A centralidade e a importância da relação amorosa na vida das pessoas podem facilmente serem constatadas. As expectativas frustradas, a dificuldade em construir um projeto comum do casal, o outro percebido como um peso ou entrave à liberdade são algumas das queixas verbalizadas. Essas situações são vividas não somente por quem está com um parceiro amoroso, mas também pessoas que estão sozinhas, que pensam em ‘entrar no mercado’ dos relacionamentos e que são tomadas por inúmeras dúvidas, dentre elas, o medo da perda de autonomia. No mundo atual, em que se valorizam sobremaneira aspectos como o desenvolvimento da autonomia, a vivência da liberdade, a permissividade, torna-se mister entender os ideais e práticas amorosos presentes na contemporaneidade.

Costa (1998) argumenta que os possíveis fracassos da relação amorosa são atribuídos aos indivíduos. Os sujeitos examinam a si mesmo e ao parceiro sem questionarem a própria maneira de se viver a relação amorosa. O sentimento do insucesso amoroso é acompanhado de culpa, baixa auto-estima, mas dificilmente contestam-se as maneiras com que amamos. Talvez isso seja uma herança do ideário romântico que idealizou o sentimento amoroso, tornando-o imune a críticas. Geralmente, espera-se mais do que as possibilidades concretas do amor, conseqüentemente sobrecarregando a relação amorosa com tal supervalorização. Será que os parceiros deveriam investir mais energia em outras relações sociais como a amizade, por exemplo, a fim de aliviar a pressão sobre a relação amorosa? Na medida em que se desconstrói a idealização, é possível suportar a relação?

Adota-se o ponto de vista de Costa (1998) ao entender o amor como construção, o que nos permite questionar suas regras e convidar para novas formas de vivê-lo, inventar maneiras para diminuirmos o sofrimento e sermos mais felizes nas nossas relações amorosas. A respeito disto, Costa (1998, p.22) coloca o seguinte questionamento: “Como fazer da vida aquilo que queremos e não a cópia do que quiseram por nós?”.

Diante deste quadro, pretende-se compreender quais os ideais e as práticas amorosas vivenciados na Pós-Modernidade. Primeiramente, tentar-se-á compreender as noções e ideais de relação amorosa presentes na atualidade. Dentre os ideais presentes, será dado um destaque ao amor romântico e ao amor líquido. Posteriormente, entender de que forma se estruturam as práticas amorosas.

Este trabalho pode ser de interesse do público acadêmico para o desenvolvimento de posteriores pesquisas referentes ao tema. Para além do ambiente acadêmico, podemos vislumbrar que o trabalho poderá ter um interesse mais amplo, visto que o amor tem uma centralidade ou uma importância muito grande na vida das pessoas. Poderá também interessar aos estudos e intervenções sobre família, na medida em que o relacionamento do casal pode interferir na dinâmica familiar.

As relações amorosas na Pós-Modernidade

Passemos agora a analisar como são constituídos os relacionamentos amorosos na Pós-Modernidade. A cultura pós-moderna fomenta valores e atitudes que entram em sintonia com a economia de mercado e com a sociedade de consumo. De acordo com Chaves (2004), é possível vislumbrar três consequências deste quadro nas relações tanto sociais quanto amorosas:

- 1) a desregulamentação, a flexibilização e a flutuação de regras e normas que passam a ser orientadas em função do mercado; 2) a responsabilização imposta sobre o indivíduo pelo seu próprio bem-estar assim como a ênfase dada à realização e supremacia dos interesses individuais; e, 3) a facilitação

da construção de relações humanas essencialmente utilitaristas nas quais o outro é colocado no lugar de instrumento ou meio de acesso à auto-satisfação (CHAVES, 2004, p. 13).

A busca de sensações e prazeres corporais, bem como o ideal do sucesso econômico faz com que as relações amorosas fiquem empobrecidas. A busca de sensações corporais coloca o sujeito num projeto do prazer no qual o corpo fica em evidência. Na medida em que o sujeito deseja acumular novas sensações, a rotina do relacionamento amoroso pode ser sentida como insuportável. A indiferença perante o mundo e o outro torna a vivência da intersubjetividade e a valorização da alteridade cada vez mais esvaziadas de sentido.

Como estes aspectos interferem na relação amorosa, na construção do espaço de intimidade do casal? Diante deste quadro, como são construídas as conjugalidades hoje? Quais são os modelos de relação amorosa? Pretende-se compreender as facilidades, dificuldades e desafios para a construção da conjugalidade a partir da Pós-Modernidade.

Costa (1998, p.133) argumenta que:

Vivemos numa cultura narcísica, inibidora da experiência amorosa. Aprendemos a “querer tudo” porque nos julgamos “uma totalidade” que não pode apresentar fraturas. O outro só “é desejado se enriquece nosso ser”. Se, ao contrário, nos pede sacrifícios, é rejeitado de pronto.

As relações amorosas se tornam fugazes, na medida em que o outro só é mantido se facilita o gozo no mundo privado do casal. O outro é visto em termos da quantidade de satisfação que pode proporcionar. As relações humanas tornam-se utilitaristas e, no vínculo amoroso, o outro pode ser visto como um objeto que serve como meio de auto-satisfação. A liberdade e a auto-realização são apelos muito fortes na contemporaneidade. O outro só é mantido se facilita esta busca (CHAVES, 2004).

No atual quadro que se configura como Pós-Modernidade percebe-se, nas mentalidades, uma ênfase crescente em aspectos como a liberdade individual, a fruição imediata do prazer, a vivência da novidade, a possibilidade de viver sem depender do outro, bem como a instalação de uma sociedade flexível com amplas opções de bens de consumo e

estilos de vida (CHAVES, 2004). O indivíduo é responsabilizado pelo seu próprio bem-estar, e também em lidar com as incertezas e inseguranças decorrentes das perdas de referência identitária, de valores, de posição social. Muitos não se sentem preparados para lidar com este ambiente social fragmentado. A tentativa de dissociar prazer de compromisso, este último sendo visto como sinônimo de aprisionamento, revela a fragilidade dos laços amorosos. A conciliação da individualidade e a conjugalidade torna-se problemática. Por outro lado, a relação amorosa investe-se de um valor especial, como um refúgio ou um mundo à parte, consistindo numa proteção perante a insegurança vivida no ambiente público, um abrigo contra a fragilidade (BAUMAN, 1998). Adiante falaremos deste convívio simultâneo entre ideais amorosos opostos, ou seja, ora a relação amorosa revela-se como uma prisão, ora reveste-se de um valor especial como um refúgio num mundo produtor de desamparo.

Passemos agora a analisar os ideais amorosos presentes na Pós-Modernidade.

Amor romântico

As relações amorosas são construções sócio-históricas e, por isso, é importante fazermos um breve percurso histórico para falarmos do amor romântico. O ideal do amor romântico instalou-se na cultura ocidental no final do século XVIII e sua influência perdura até os dias atuais. De acordo com Chaves (2006), refere-se à criação de um ideal amoroso que valoriza os desejos, afetos, sonhos e a singularidade, com uma tentativa de retirar a influência de normas externas ao par amoroso. O amor romântico trouxe, de maneira inédita, a interdependência entre sexualidade e amor, sendo o componente sexual essencial para a relação amorosa. Anteriormente, havia o amor burguês no qual o casamento era a celebração de um acordo entre famílias para troca de benefícios financeiros ou de prestígio social. A existência do amor entre os parceiros era dispensável. No caso do amor romântico, o relacionamento amoroso não se dava mais entre um casal formado por decisões familiares que visavam à conveniência, mas sim pela livre escolha dos parceiros. Esta escolha se baseava no compartilhamento do amor e desejo sexual. O casamento passou a ser contestado como um mero arranjo financeiro e passou a ser valorizado como um encontro profundo de almas.

Depreende-se daí a vinculação do amor com a liberdade, estados desejáveis a despeito de convenções sociais (GIDDENS, 1993).

Apesar da ênfase no desejo sexual dos parceiros, o amor romântico pressupunha um adiamento do desejo sexual. Havia uma hierarquia denotando o amor, a satisfação emocional como mais importante do que a satisfação sexual. O amor sublime predomina sobre o ardor sexual, distinguindo o outro como alguém especial (GIDDENS, 1993). A intimidade do casal passou a ser valorizada, assim como a reciprocidade e a exclusividade que davam sentido ao relacionamento. Este só tem continuidade se há uma coincidência de sentimentos. Como este estado podia não perdurar para sempre, pode-se depreender que, caso houvesse o esgotamento dos sentimentos, os indivíduos estariam livres para tentar encontrar outro parceiro amoroso (CHAVES, 2004, p.101).

O amor romântico enfatizava a experimentação e a variedade, denotando a ideia de que ‘seja eterno enquanto dure’. Não que se assemelhe com a ideia de experimentação de hoje, na qual não se leva em consideração a singularidade do outro e se busca a fruição do prazer. Adiante, faremos uma discussão sobre o ideal do amor líquido que dissocia prazer de compromisso (BAUMAN, 2004). O que se quer dizer com a ideia de experimentação para o ideal romântico é que se o amor acabava, se não havia coincidência de sentimentos, os parceiros estariam livres para procurar outra pessoa (CHAVES, 2004, p.101). A singularidade do outro era importante, somente um, dentre tantos, seria capaz de fazer o outro feliz. Mas, como o amor romântico estava vinculado à ideia de liberdade, se a relação estivesse sendo fonte de sofrimento e sem amor, cada um estaria livre para procurar sua outra nova ‘cara metade’.

Como havia a importância do cultivo do desejo no amor romântico, havia também uma tensão por conta da não realização destes desejos. ‘Sofrer por amor’ passou a ser considerada uma forma digna de se viver. Ao mesmo tempo em que havia uma valorização do sofrimento, o amor era visto como tendo poderes curativos na busca da completude com o outro, da união total, capaz de transformar dois em um só. Ao mesmo tempo em que há a possibilidade de se sofrer por amor, este também pode conter uma promessa de alívio para angústias e sofrimentos. A ideia de que a relação amorosa teria um caráter especial, como um

refúgio diante de um mundo ameaçador, perdura até nossos dias. Giddens (1993, p.56) aponta a relação entre intimidade e a busca em preencher um vazio, presente no amor romântico:

Desde suas primeiras origens, o amor romântico suscita a questão da intimidade. Ela é incompatível com a luxúria, não tanto porque o ser amado é idealizado - embora esta seja parte da história -, mas porque presume uma comunicação psíquica, um encontro de almas que tem um caráter reparador. O outro, seja quem for, preenche um vazio que o indivíduo sequer necessariamente reconhece - até que a relação de amor seja iniciada. E este vazio tem diretamente a ver com a auto-identidade: em certo sentido, o indivíduo fragmentado torna-se inteiro.

O amor romântico teve, portanto, um viés extremamente inovador ao reivindicar para a relação amorosa a questão da intimidade, a troca de sentimentos e a importância dada à comunicação dos mundos internos um do outro. Tal ideal de amor teve, ainda, um caráter transgressor ao contestar o amor burguês, que tinha como finalidade última o casamento e como valores a virgindade, a monogamia e a pureza. Segundo Chaves (2006, p. 829): “O ardor apaixonado era contrário ao amor burguês, e, ao menos como um ideal regulador, o desejo erótico devia se voltar para a procriação de filhos”.

Posteriormente, houve uma mudança substancial no amor romântico quando este passou a ser domesticado, levado para dentro do casamento, passando a possuir um ideal de eternidade. Sendo assim, segundo a autora, o amor romântico perdeu seu potencial de transgressão, sendo apaziguado para garantir o casamento eterno, a coesão familiar e, conseqüentemente, a organização da sociedade. Daí a proposta de diferenciação entre apaixonamento romântico e amor romântico domesticado, o último assinalando a solidez do laço conjugal e o primeiro marcado por sentimentos passionais (CHAVES, 2004).

O aspecto do amor romântico de que o ser fragmentado torna-se inteiro, ganha uma ênfase na Pós-Modernidade. Os pós-modernos julgam-se como uma totalidade que não pode apresentar fraturas (COSTA, 1998). A obtenção da sensação de completude é uma busca dos indivíduos e uma das razões pelas quais o ideário romântico permanece como um forte mapa para a vida amorosa.

Giddens (1993) assinala para outro caráter inédito trazido pelo amor romântico, que seria a problematização da vida amorosa e dos próprios sentimentos em relação ao outro. Os parceiros amorosos questionam: “como eu me sinto em relação ao outro? Como o outro se sente a meu respeito? Será que nossos sentimentos são ‘profundos’ o bastante para suportar um envolvimento prolongado?” (p.56). Encontra-se pressuposta a possibilidade de um vínculo duradouro com o outro, tendo como base as qualidades deste vínculo. A possibilidade de uma trajetória compartilhada aponta para uma tentativa de se prever e controlar o futuro. Além disso, cria uma história compartilhada que coloca a relação conjugal como tendo prioridade na organização familiar. A relação conjugal adquire um valor especial diante das outras relações sociais.

Para a presente discussão, outra noção importante é a de amor-paixão, que seria aquele que traça uma oposição com a razão e que dificulta a integração do sujeito na sociedade (CHAVES, 2004, p.104). O amor-paixão encontra-se nas origens do amor romântico pela reivindicação à liberdade amorosa, a valorização da imaginação e o adiamento da satisfação. Por outro lado, marca algumas diferenças em relação ao amor romântico, como a forte erotização baseada em um envolvimento invasivo com o outro, além de ter uma qualidade de encantamento. Giddens (1993, p. 48) assinala a respeito do amor-paixão:

O amor apaixonado é especificamente perturbador das relações pessoais, em um sentido semelhante ao do carisma; arranca o indivíduo das atividades mundanas e gera uma propensão às opções radicais e aos sacrifícios. Por esta razão é encarado como perigoso, sob o ponto de vista da ordem e do dever sociais.

O amor-paixão é visto como uma ameaça à ordem e dever sociais na medida em que toma a vida do indivíduo, que passa a girar em torno deste sentimento. Neste sentido, pode-se perceber o amor-paixão como aprisionador, apesar do seu apelo à liberdade amorosa (CHAVES, 2006).

Chaves (2006), ao mapear as concepções amorosas do Brasil no início do século XX, destacou que, além dos ideais do amor romântico, do amor romântico domesticado, do amor-paixão e do amor burguês que era socialmente prescrito, ainda havia a prática do amor sexual.

Esta concepção apontava para amores impulsivos, eróticos, que tentavam escapar das normas de conduta que cerceavam a satisfação de desejos sexuais. Naquela época havia um modelo de amor que deveria ser reproduzido por todos, o amor burguês, modelo este imposto pelas práticas higienistas no Brasil de então. No entanto, havia outras formas e expectativas de relação amorosa vividas pelos sujeitos, como as descritas acima.

Agora que fizemos um pequeno percurso histórico, passemos a discutir as relações amorosas na Pós-Modernidade. Entende-se que, apesar das rupturas em relação aos modos tradicionais de ideais amorosos, há também permanências. Adota-se o conceito de desmapeamento, que se “refere à convivência, no sujeito, em níveis diferentes, de dois ou mais conjuntos de valores (ou mapas) internalizados em algum momento de sua formação” (NICOLACI-DA-COSTA, 1985, p. 159).

Na atualidade, podemos entender que as noções de amor que se encontram presentes são: o amor romântico, o amor-paixão, o amor sexual e o amor líquido (BAUMAN, 2004). Diferentemente do início do século XX, atualmente não se encontra presente nenhum ideal amoroso prescrito a ser vivido em detrimento dos demais. O que vemos é a vivência simultânea de vários mapas, o que faz com que os sujeitos vivam vários ideais concomitantemente. Destes ideais, percebe-se o amor líquido e o amor romântico como os dois roteiros reinantes na atualidade. Talvez caiba ao sujeito contemporâneo realizar a síntese entre estes dois ideais inventando soluções; ou mais do que realizar uma síntese, inventar estratégias existenciais para conviver com estes dois ideais simultaneamente.

Apesar do forte apelo exercido pela sociedade consumista para se viver o amor líquido, que dissocia prazer de compromisso, pode-se perceber a força do amor romântico no imaginário das pessoas que querem encontrar sua ‘alma gêmea’ e daí supostamente alcançarem uma completude ou felicidade. Importante observar que esta completude não ocorre e uma série de troca de acusações pode ter início a partir de então, fato este que mostra o quão destrutivas podem ser as idealizações quando se quebram. Pode-se pensar até que ponto a sociedade de consumo se apropria do amor romântico, alimentando a ideia da ‘cara metade’ como mais um produto a ser adquirido, com a possibilidade de desfazer dele caso não atenda as exigências do consumidor. A complexidade do mundo contemporâneo e a indiferença com questões coletivas fazem com que os sujeitos se voltem ou refugiem na

relação amorosa (LASCH, 1983). Assim, como o eu seria o último refúgio diante de um mundo caótico e em deterioração, podemos dizer que a relação amorosa reveste-se também como um poderoso refúgio potencial diante de tal quadro. A sociedade pós-moderna, através dos meios de comunicação de massa, principalmente, produz reconfigurações no ideal romântico, preservando alguns aspectos e mudando outros. Preserva a ideia de que podemos ter uma completude através do outro, preenchendo o vazio interior originado numa sociedade calcada na imagem e na manipulação de relacionamentos. Ao mesmo tempo, introduz a ideia de que devemos e podemos desfazer do parceiro amoroso caso este produza obstáculos na consecução da liberdade individual, ideia que mantém sintonia com o amor líquido.

Neste ponto, vemos a convivência simultânea do ideário romântico e do amor líquido, denotando o desmapeamento e ambiguidades presentes na Pós-Modernidade. Interessante observar também a diferença do ideário romântico dos fins do século XIX com a atual apropriação consumista do romantismo, conforme aponta Costa (1998, p.19):

A associação íntima do romantismo com a vida privada burguesa o transformou em um elemento de equilíbrio indispensável entre o desejo de felicidade individual e o compromisso com os ideais coletivos. No presente, o cenário mudou. O valor do amor foi hiperinflacionado e sua participação na dinâmica do bem comum chegou quase ao ponto zero. E, à medida que refluía aceleradamente para o interior do privado, o romantismo assumia a forma de moeda forte de felicidade junto com o sexo e o consumo.

Percebe-se que, na configuração pós-moderna do amor romântico, aspectos como a eternidade da relação e a fidelidade dos parceiros já não se revestem de grande importância. Declarar eternidade é visto como um decreto de prisão. Os pós-modernos desejam ter segurança, como afirma Singly (2003), querem uma estabilidade no presente. No entanto, pretendem deixar o futuro em aberto. O amor eterno não mantém sintonia com o funcionamento dos casais pós-modernos. Eles negociam permanentemente a continuidade do vínculo que, tal qual um contrato, pode ser quebrado a qualquer momento quando qualquer um dos parceiros assim decidir (HEILBORN, 2004). Por outro lado, a ideia de fidelidade é cada vez menos praticada pelos parceiros, mas ainda permanece como um ideal.

A conjugalidade atualmente é caracterizada também por critérios que são advindos do ideário romântico, como a escolha recíproca, a mútua afinidade sexual e a noção de amor. O

casamento por amor seria aquele em que “nenhum outro interesse norteia a escolha do parceiro que não as qualidades pessoais do outro e os sentimentos que nutre por ele” (RUSSO E SANTOS, 1981, p.283). Daí dizermos que o amor burguês não se encontra presente em nossa sociedade, ou seja, atualmente é impensável casar sem amor; ou talvez casar sem amor seja reprovado socialmente. Abordando a questão desse ângulo, algumas pessoas podem casar-se sem amor, mas não têm permissão de verbalizar ou admitir tal fato. Ou, ainda, há uma supervalorização do casamento com amor na sociedade pós-moderna.

Amor Líquido

Após a análise de algumas características do amor romântico, interessa-nos compreender o amor líquido, termo cunhado por Bauman (2004). Partimos da ideia de que estes sejam os dois principais paradigmas amorosos presentes na atualidade.

O amor líquido diz respeito à noção de aproveitar os prazeres de um relacionamento tentando evitar os momentos mais penosos e difíceis. Além disso, esta noção aponta para a transposição da lógica das relações de consumo para as relações amorosas. O outro é tratado como um objeto de consumo e julgado pelo volume de prazer que ele oferece. É uma forma de relacionamento em que “se entra pelo que pode ganhar e se continua apenas enquanto ambas as partes imaginem que estão proporcionando a cada uma satisfações suficientes para permanecerem na relação” (GIDDENS, 1993 *apud* BAUMAN, 2004, p. 111).

O relacionamento puro, termo elaborado por Giddens (1993, p.68), traz aspectos semelhantes aos do amor líquido. Vejamos:

Um relacionamento puro não tem nada a ver com pureza sexual, sendo um conceito mais restritivo do que descritivo. Refere-se a uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem.

O relacionamento puro coloca os casais frente à decisão se querem continuar juntos ou não. A relação pode ser terminada à vontade, por qualquer um dos parceiros. A qualidade do relacionamento é examinada constantemente e a sensação de liberdade pode dar lugar à sensação de insegurança. Singly (2003) aponta que o anseio por liberdade na Pós-Modernidade vem acompanhado por uma crescente necessidade de segurança, como vimos anteriormente. O amor líquido leva somente em consideração o apelo à liberdade. A ambiguidade dos sujeitos pós-modernos reside no fato de as possibilidades de enraizamento serem vistas como opressoras e, ao mesmo tempo, serem buscadas pelos indivíduos. Por que razão, num mundo marcado pela ênfase em viver as sensações e a novidade, as pessoas ainda apostam numa relação amorosa durável? Diante de um mundo visto como cada vez mais difícil de interpretar e, conseqüentemente de agir sobre ele, os pós-modernos desejam âncoras, como uma relação amorosa. No entanto, quando se enraízam, ressentem-se das outras possibilidades perdidas, da prisão sentida na rotina do relacionamento.

A ideia de compromisso duradouro costuma causar sensações de aprisionamento, clausura e opressão. Nos compromissos duradouros, o amor líquido enxerga a dependência que incapacita o viver como se bem quer e a possibilidade de viver a novidade. Por isso, encontram-se disponíveis discursos, tanto no senso comum quanto de especialistas, que dão uma enorme ênfase na autonomia e independência individuais. ‘Seja feliz consigo mesmo, invista em você’ são as palavras de ordem dos livros e dos programas de televisão de auto-ajuda, por exemplo (BAUMAN, 2004).

A sociedade pós-moderna fomenta valores como a independência e a liberdade individuais, estimulando atitudes de auto-absorção e auto-exame contínuos calcados numa busca ansiosa por sinais de envelhecimento, doenças ou segurança psíquica (LASCH, 1983). A cultura do narcisismo cria necessidades novas e coloca novas roupagens nas antigas insatisfações - solidão, vazio existencial - propondo como solução o consumo mascarado como autonomia. Pode-se estabelecer um paralelo com a descrição que Bauman (2004) faz do amor líquido com a descrição de Lasch (1983) a respeito da cultura do narcisismo. O primeiro descreve os desdobramentos nas relações amorosas da sociedade pós-moderna que “produz narcisos”, uma sociedade que privilegia a satisfação imediata das necessidades e que repudia qualquer obstáculo ao exercício da liberdade individual. Bauman (2004) analisa os efeitos da

cultura do narcisismo nas relações amorosas, demonstrando que a valorização das sensações presente na Pós-Modernidade faz com que o parceiro amoroso seja julgado pelo prazer e satisfação que ele pode proporcionar. No caso do amor líquido, o parceiro amoroso pode ser considerado um obstáculo se exige renúncias ou mesmo esforços para a manutenção da relação.

Práticas Amorosas

Até agora analisamos os ideais amorosos presentes na atualidade. Agora passemos a analisar as práticas amorosas a partir dos ideais amorosos, tentando entender quais os desafios enfrentados para a vivência e manutenção da relação amorosa.

A amor líquido cria e fomenta práticas amorosas características da Pós-Modernidade como o *ficar com* e a coabitação. A importância dada à vivência das sensações faz com que as pessoas procurem um relacionamento mais instantâneo, imediato, prazeroso e pontual. A prática do *ficar com* alguém, que teve início a partir dos anos 1980, aponta para uma forma relacional marcada pela falta de compromisso e na qual o objetivo principal é a busca do prazer (CHAVES, 1994). O *ficar com* alguém pode ser um ato que se esgota em si mesmo, sendo uma relação efêmera, que pode ir de troca de beijos até relações sexuais. Tendo em vista que o sujeito está preocupado apenas com sua própria satisfação, a singularidade do outro é quase desconsiderada. Podemos pensar que o *ficar com* seja a expressão emblemática do amor líquido.

O principal aspecto a ser avaliado quando alguém *fica com* outra pessoa seria a beleza. Como vivemos numa sociedade que valoriza sobremaneira a imagem, a beleza seria mais valorizada do que os outros aspectos internos do parceiro efêmero (BIRMAN, 2001). Quando há uma busca pela beleza, pode-se dizer que o outro é considerado um trunfo pessoal, uma espécie de troféu, não importando sua singularidade (STENGEL, 2003). Neste caso, haveria uma ênfase na fruição do prazer. Por outro lado, esta prática não pode ser vista de uma maneira monolítica. Há algumas nuances, como no fato de que, em alguns casos, o *ficar com* pode ser uma etapa para o início de um namoro, ou seja, uma etapa para se conhecer a pessoa,

descobrir afinidades (STENGEL, 2003). Daí se percebe que nem sempre o *ficar com* é praticado como um fim em si mesmo, podendo representar uma nova etapa - neste caso a etapa inicial - de possíveis relações duradouras. O *ficar com* pode ser feito considerando-se a singularidade do outro; em alguns casos, o sujeito interessa-se em saber se existem algumas afinidades entre ele e o possível parceiro efêmero. Há também interesse nos atributos do outro, de aspectos internos como inteligência, maturidade ou sensibilidade. Neste caso, há a valorização da singularidade do outro, buscando-se até mesmo uma vivência de intimidade psicológica, que pode ser efêmera. O *ficar com* não possui um significado único, como fenômeno próprio da Pós-Modernidade. Apesar de tudo isto, entendemos o *ficar com* como uma prática relacional que objetiva a fruição do prazer sem o estabelecimento de compromisso duradouro.

Heilborn (2004) descreve o casal igualitário como um modelo ideal na construção das conjugalidades hoje. Trata-se de uma forma relacional que tenta diluir as distinções dos papéis de gênero, professando um ideal de liberdade e não sujeição às regras sociais. O casal igualitário comporta ideias referentes ao amor romântico como a independência em relação às regras externas ao casal e a valorização da expressão dos sentimentos. Entende-se o casamento como uma instituição que define uma visão de mundo e de identidade para os sujeitos e que, atualmente, esta instituição depende das características individuais que cada um carrega para o relacionamento (RUSSO e SANTOS, 1981). A permanência da união depende da renegociação cotidiana entre os parceiros.

A utilização de uma linguagem íntima entre o casal, através da adoção de apelidos, contribui para a manutenção do vínculo e para reforçar a conjugalidade como uma unidade diferente das outras relações sociais. Neste último traço também nota-se a presença do ideário romântico na vivência do casal moderno. A este respeito diz Heilborn (2004, p.157):

A representação do privado conecta-se com noções de “acolhedor”, de domínio onde pode reinar a espontaneidade, a “naturalidade”, uma arena em que vige a liberdade em potencial, onde “se pode dizer coisas inconvenientes, pode-se ficar chato”.

Giddens (1993) também aponta a questão da intimidade valorizada entre os casais pós-modernos, que para ele significa “a revelação de emoções e ações improváveis de serem expostas pelo indivíduo para um olhar público mais amplo” (p.152). A história compartilhada coloca o vínculo amoroso como dotado de características especiais, deixando de fora outras pessoas e relações. Esta situação, que coloca o elo amoroso como distinto das outras relações, pode gerar uma dependência dos parceiros, conforme aponta o autor:

A história compartilhada desenvolvida em um relacionamento pode servir de anteparo para problemas do mundo exterior; um ou ambos os indivíduos podem tornar-se dependentes, não tanto um do outro, mas do relacionamento e de suas rotinas estabelecidas, como um meio de se isolarem de um engajamento pleno com outras tarefas e deveres sociais (GIDDENS, 1993, p. 154).

A inexistência de um código externo que rege a relação amorosa seria outra presença contemporânea do ideário romântico. O casal possui um código próprio, buscando soluções a cada situação. Seria a ideia de um contrato que pode ser quebrado pela decisão dos parceiros e que deve ser constantemente reafirmado para a sua perduração. Tal aspecto contraria a ideia de durabilidade presente no amor romântico e afirma o anseio pela liberdade presente neste ideal. Os parceiros somente permanecem na relação se assim decidirem. No entanto, assinalamos que a possibilidade de ruptura do vínculo pode trazer uma sensação de insegurança para os parceiros, se considerarmos quanta energia e expectativa são investidas numa relação amorosa.

Muitos são os desafios para a manutenção do vínculo conjugal e várias estratégias são adotadas para a vida a dois. Interessa saber quais são as práticas vividas e quais aspectos são enfatizados pelos casais para avaliar a saúde do vínculo, se a relação amorosa está satisfatória e ‘funcionando bem’. Um dos rituais que parece servir para confirmar a continuidade da relação conjugal é o do monitoramento pessoal, que seria uma espécie de relatório das atividades cotidianas realizadas fora da vista do parceiro. O monitoramento também serve como uma forma de fazer parte da vida do outro, mesmo não estando na sua presença física. Esta forma de compartilhamento total demonstra que o casal igualitário pode assumir características simbióticas, surgindo como grande desafio a manutenção e o desenvolvimento

da individualidade de cada parceiro dentro de tal relação. Interessante notar que o desenvolvimento da individualidade tem um forte peso neste tipo de relacionamento e, ao mesmo tempo, a liberdade individual é ameaçada com a possibilidade de simbiose (HEILBORN, 2004, p.155).

Outro ritual seria as cobranças feitas a respeito das falhas e faltas do outro. A interrupção deste tipo de rito, muitas vezes, é interpretada pelo casal como um possível desequilíbrio nas trocas entre os cônjuges, como um sinal de que algo não vai bem (HEILBORN, 2004, p.145).

Estas práticas apontam para uma tentativa de controle dos parceiros. Tal fato revela os desafios presentes na vida do casal igualitário. Os casais pós-modernos buscam a vivência da intimidade, que é calcada na confiança entre os parceiros. De acordo com Giddens (1993, p. 154), “Confiar em alguém significa renunciar às oportunidades de controlá-lo ou de forçar suas atividades dentro de algum molde particular”. Então, como os parceiros amorosos pretendem viver aspectos da intimidade, como o respeito mútuo e, ao mesmo tempo, terem dificuldade em estabelecer uma relação de confiança com o parceiro? A nosso ver, o monitoramento pessoal e as cobranças são tentativas de controlar o outro, desrespeitando a sua individualidade.

Pode-se falar também da contabilidade conjugal, que seria um ajuste permanente das trocas entre o casal, uma conferência de trocas dos ‘serviços prestados’ entre o casal (HEILBORN, 2004, p.147). Um dos temas mais frequentes na contabilidade conjugal são as discussões acerca dos afazeres domésticos, mais especificamente no casal igualitário heterossexual. Geralmente são conversas repletas de queixas e acusações mútuas. A rotina também aparece como um fator estabilizador para o casal, funcionando através da repetição das expectativas e suposições, ordenando a realidade e tornando-a previsível para o casal. Provavelmente, os fatores acima descritos servem para criar um senso de estabilidade para o casal, mas podem se tornar fontes de discórdia, enfraquecer a relação conjugal e limitar a liberdade dos parceiros. A referida estabilidade pode também dar aos parceiros amorosos uma sensação de monotonia, aspecto que colide de frente com os ideais pós-modernos, como a vivência de emoções exacerbadas, das sensações e do hedonismo. Conflitos e tensões surgem

na tentativa de viver um amor “sensacional” e que proporcione segurança ao mesmo tempo (COSTA, 1998).

Costa (1998) aponta que o amor ocidental tenta combinar escape sexual, amizade afeiçoada e funções familiares procriativas num único relacionamento: “[...] e a ternura, o mistério e a excitação devem coexistir com os cuidados da casa, problemas da educação das crianças e a rotina de quinze mil noites juntos” (COSTA, 1998, p. 148). Interessante observar o caráter sócio-histórico do sentimento amoroso ao constatarmos que esta combinação é encontrada raramente ao longo da história. Conforme apontamos anteriormente, entendemos o amor como uma construção sócio-histórica. As expectativas feitas na Pós-Modernidade a respeito da relação amorosa revestem-se de um caráter inédito, não podendo ser encontrada em períodos históricos anteriores.

Como se pode perceber, inúmeros são os desafios presentes na vivência da conjugalidade atualmente. O mundo contemporâneo oferece muitas possibilidades de viver a liberdade e esta tentativa de fusão do casal igualitário representa a ocorrência de prováveis conflitos. Poderíamos dizer que as pessoas no mundo líquido querem continuar vivendo sob o signo do ideal romântico de relação amorosa. Costa (1998) argumenta que vivemos numa moral dupla: temos a sedução das sensações e, ao mesmo tempo, a saudade dos sentimentos. Segundo o autor (p.21): “Queremos um amor imortal e com data de validade marcada: eis sua incontornável antinomia e sua moderna vicissitude!”. Além disso, o parceiro é revestido de excessivas expectativas que dificilmente serão cumpridas e este fracasso anunciado é motivo de troca de acusações. A perda de interesse pela vida pública, reduzida a questões de mercado, provocou um retraimento dos sujeitos para a vida privada, com a consequente sobrecarga de expectativas amorosas. No mundo marcado por incertezas e fragmentação social, a relação amorosa é investida de grande valor, numa tentativa de fabricar ‘um mundo à parte’, proteção contra a insegurança, o tédio e o isolamento. O autor supracitado aponta o fato de que o amor ergue-se como uma trincheira entre o sujeito moral e a barbárie do mercado: “Restou aos indivíduos a identidade amorosa, derradeiro abrigo num mundo pobre em Ideais de Eu” (COSTA, 1998, p. 20). O problema aparece em um contexto social que idolatra o amor como refúgio diante da sociedade e até mesmo como espaço para desenvolver

o eu, mas que foca, o tempo todo, no crescimento e na liberdade do indivíduo. O amor é mais importante do que nunca, mas cada vez mais difícil de realizar-se.

Considerações finais

Retomando o nosso argumento a respeito do desmapeamento presente na sociedade pós-moderna, referente à convivência simultânea nos sujeitos de ideais amorosos distintos - amor romântico e amor líquido -, constata-se o alto grau de complexidade presente no mundo contemporâneo. Os sujeitos são convocados a inventar estratégias existenciais para atribuir significados para práticas sociais e conviver simultaneamente com paradigmas distintos. Os desafios colocam-se e nem todos são capazes de lidar com tal complexidade. As crises, dúvidas e ansiedades decorrentes, muitas vezes são endereçadas aos especialistas na tentativa de os sujeitos alcançarem algumas respostas e alguma sensação de segurança num mundo de fluidez.

As relações amorosas são cercadas de grandes expectativas como uma maneira de realização pessoal ou de felicidade em meio às incertezas e, ao mesmo tempo, são vistas como um estorvo frente ao exercício da liberdade. O convívio da individualidade com a conjugalidade reveste-se de inúmeros desafios. Os parceiros amorosos não querem ter sua individualidade ameaçada, desejam que seus gostos sejam respeitados e que seja respeitada sua liberdade de movimento. Não desejam submeter-se a relações opressoras, sem sentido. No entanto, muitas vezes, realizam poucas concessões que se fazem necessárias para a convivência a dois. Outras vezes, percebe-se que a conjugalidade - entendida aqui como o espaço do casal, os sonhos, os projetos em comum - encontra-se esvaziada, dado que cada um pode estar muito absorvido por questões individuais, como a preocupação com o próprio bem-estar, com a carreira profissional. Não por acaso os sujeitos perseguem o sonho de ter um parceiro amoroso sem estarem preparadas para o convívio com a alteridade. Narciso quer construir uma relação amorosa satisfatória, mas não enxerga para além do próprio umbigo.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. O Mal-Estar da Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- CHAVES, Jacqueline. **Ficar com - um novo código entre jovens**. Rio de Janeiro: Revan, 1994.
- CHAVES, Jacqueline. **Os amores e o ordenamento das práticas amorosas no Brasil da belle époque**. In: Revista Análise Social, vol. XLI, 2006.
- CHAVES, Jacqueline. **Contextuais e Pragmáticos: Os Relacionamentos Amorosos na Pós-Modernidade** / Jacqueline Cavalcanti Chaves. – Rio de Janeiro: UFRJ / Instituto de Psicologia, 2004.x, 212 fls. Tese (Doutorado em Psicologia Social e da Personalidade) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.
- COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- GIDDENS, Anthony. **A transformação intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Editora da Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 1993.
- HEILBORN, Maria Luiza. **Dois é par: Gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Rio de Janeiro. Editora Garamond, 2004.
- LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Mal-estar na família: descontinuidade e conflito entre sistemas simbólicos. In: Figueira, Sérvulo (org). **Cultura da psicanálise**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RUSSO, Jane e SANTOS, Tânia Coelho. Psicanálise e Casamento. In: Figueira, Sérvulo e Velho, Gilberto (orgs). **Família, Psicologia e Sociedade**. Rio de Janeiro: Campus, 1981.
- SINGLY, François de. **Uns com os outros: quando o individualismo cria laços**. Instituto Piaget, Lisboa, 2003.
- STENGEL, Márcia. **Obsceno é falar de amor? As relações afetivas dos adolescentes**. Belo Horizonte: Puc Minas, 2003.